





## JARDIM PARA UMA FALHA DE TEMPO

Reflexões do paisagista Gilles Clément sobre o *Jardin des Plantes*

O *Jardin des Plantes*<sup>1</sup> está inscrito na minha história. Ele é o espaço que tomou meu tempo sem o reduzir. O único território onde a busca de uma compreensão do que é vivo se combina às regras do jardim para criar um livro aberto sobre o enigma da vida, um lugar de inteligência.

Quando criança eu o visitava. A fossa dos ursos, que se tornou um jardim alpino, chamava a minha atenção. Eu me sentava sob a árvore de pistache de Vaillant<sup>2</sup>, ignorando que o tronco atormentado dessa árvore de dimensões modestas, carregava em seus ramos e suas flores, a etapa subversiva de uma leitura da natureza: sim, as plantas tem sexo e elas o mostram. Uma árvore verdadeiramente escandalosa e no entanto simples, que nunca pediu tanta luz para existir, uma árvore assimétrica, inserida no espaço segundo as comodidades do lugar.

Nessa depressão de um relevo, recôndito caótico do jardim grande, bem desenhado, eu ficava afastado do pouco de barulho existente (mas que já era demais), e aí, fascinado pela riqueza das plantas minúsculas e floridas eu me acomodava na frente dos Alpes, dos Pirineus, do Maciço Central ou do Cáucaso, certo que nesses lugares eu poderia me abstrair da árdua paisagem da cidade, esquecer as largas avenidas onde os carros

---

1. O *Jardin des Plantes* é um jardim botânico em Paris. Com quatro séculos de aventura científica, o *Jardin des Plantes* é o coração histórico do Museu Nacional de História Natural de Paris. Único e múltiplo, este lugar extraordinário é ao mesmo tempo um museu, um jardim botânico e zoológico, um centro de pesquisa e uma universidade. [www.jardindesplantesdeparis.fr/fr](http://www.jardindesplantesdeparis.fr/fr)

2. Sébastien Vaillant (1669-1722) foi um botânico importante francês. A árvore de pistache mencionada aqui é a do Jardim do Rei Louis XIV (atual *Jardin des Plantes* de Paris). Essa árvore florescia, mas nunca dava pistaches. Havia, em outro bairro de Paris, outra árvore de pistache que florescia, e que também nunca dava pistache. Vaillant pegou um ramo florido da árvore de pistache no Jardim do Rei e o levou até a outra árvore e o sacudiu perto dela. Naquele ano, essa outra árvore de pistache em Paris produziu pistaches. A experiência de Vaillant tinha acabado de demonstrar a sexualidade das plantas: a árvore de pistache no Jardim do Rei era masculina e a outra era feminina.

andam depressa, sem saber onde vão. Eu vinha estudar, rever as aulas, tirava da bolsa um caderninho e um lápis. Eu tentava aprofundar a mecânica de equações abstratas e sem alma que um professor nos impunha de manhã com resposta obrigatória, sem falta, para o dia seguinte. Eu rabiscava frases complicadas para chegar o mais perto possível do estilo da redação francesa, eu me afogava nos meandros da história misturando datas como se os fatos não se encaixassem em nenhuma cronologia séria, eu desmanchava sem querer aquilo que a escola, em boa conduta, se dedicava a construir. Como fazer para se desviar do espetáculo oferecido pelas montanhas em miniatura, as rochas bem postas, as coberturas de solo alcançando o mais mineral dos substratos e se sentindo bem ali. Como se abstrair das cores e das texturas sutis presentes em todo lugar, criando uma paisagem onde o olhar, a curta distância, se perde? Como se extrair do lugar sensual e enfeitado para enfrentar a aspereza única dos algarismos e das palavras? Eu não conseguia, e deixava o dia passar apenas percebendo a cadência das horas pela orientação mutante da luz, pela posição do sol quando ele chegava rente ao solo, criando pela sombra dos montículos e das cavidades, uma arquitetura monumental e frágil. Sem dúvida foi aqui que se estabeleceram, sem eu saber, as bases de um sentimento íntimo com a natureza, nesse território sem limites e, no entanto, bem limitado que ainda hoje, quando eu penso nele, eu chamo de: jardim para uma falha do tempo.

O *Jardin des Plantes* marca as etapas de um pensamento sobre nossa relação com a natureza, desde a classificação dos vegetais seguindo a teoria das assinaturas<sup>3</sup> até o cladismo filogenético<sup>4</sup>, passando pela teoria da evolução segundo Lamarck, da qual ainda hoje – por qual razão obscura? – a gente teima em calar o gênio. Os trabalhos dos grandes descritores, pesquisadores e experimentadores, lá estão consignados com elegância, no espaço de um parque aberto ao público no coração

---

1. A teoria das assinaturas ou princípio da assinatura é uma forma de entender o mundo em que se pensa que o aparecimento de criaturas, principalmente plantas, revela seu uso e função. Ela se aplica especialmente às plantas medicinais, em virtude de seus poderes terapêuticos.

2. A cladística, é um sistema de classificação dos seres vivos que os agrupa de acordo com hipóteses de relações evolutiva.

da cidade. O jardim botânico enriquecido de recentes descobertas trata dos ecossistemas; Tournefort ou Buffon – até mesmo Cuvier, o teimoso – ficariam alegremente surpresos. O quarteirão do “terreno baldio” oferece sua riqueza espontânea e a pedagogia necessária à sua leitura, o jardim zoológico contém animais mais adaptados ao cercado do que os ursos de Geoffroy-Saint Hilaire, os florescimentos da grande perspectiva coincidem com uma cartela de matizes da qual Paul Jovet se admiraria. Vimos até exposições de sementes camponesas, cereais desaparecidas, objeto de vigilância, de coleção ou de projeto subversivo fora do mercado. Os tempos mudam mas o espírito permanece. A riqueza das espécies presentes, a inteligência dos lugares, o poder do saber implantado em todos os lugares – dos quais Yves Delange, Jean Claude Lefeuvre, Philippe Clergeau, Bernadette Lizet, com quem eu tive intercâmbios, e outros, que eu não tive a chance de encontrar, são os portadores –, impregnam o *Jardin des Plantes* sem jamais o restringir no ressecamento da ciência. Ele vive. Às vezes, até, ele se afasta das funções para as quais ele foi concebido. Quem se aventura no parque em um domingo de manhã se sentirá excluído do território de meditação ou do simples passeio, pois, a essa hora, é preciso correr e correr novamente, com fones de ouvidos, os pulsos cingidos de pulseiras destinadas a medir a quantidade de passos, calcular os batimentos cardíacos, registrar as palpitações do corpo humano, verificar o peso ganho ou perdido; cada um, a qualquer custo, deve se conformar às normas da estética vigente, às pretensas regras de saúde, isto é, às do mercado. As condições de acesso à inteligência do *Jardin des Plantes* supõem a lentidão e não a corrida, a vadiagem e não o percurso traçado, o despertar pela admiração e não o enquadramento por robôs interpostos. Felizmente esses acessos de febre nas grandes aleias, não ocupam todo o tempo do dia, nem todos os dias da semana. Pode-se afastar deles se embrenhando na estufa tropical – mundo à parte, paisagem envolvente –, ou alcançar o Museu dedicado a uma História dita “natural”, numa encenação destinada a fazer entender do que essa natureza é constituída. Uma bela obra essa pletora de plantas, animais, conchas e rochas.

Bonito espanto sem falcatrua nem cálculo. Eu os vi, de todas as idades, essas crianças em frente aos gigantes empalhados, aos artrópodes

discretos protegidos por vidros. Rostos fascinados pelo ornitorrinco ou o mosquito, a belemnite ou o dodô, vestígios de um tempo passado, rostos surpresos pela diversidade de garras, unhas, cascos, peles, plumas, pelos, membros ou nadadeiras, rostos maravilhados, quase sem jeito por se perceberem embarcados no mesmo barco, em tão estranha companhia. Uma viagem da qual não se sai incólume, de tantos passageiros já desaparecidos... Nós estamos todos na mesma nau, diz o guardião mudo de Gaia, eis os sobreviventes de um naufrágio permanente, os que viviam antigamente, indiscutivelmente deixaram de existir. Os dinossauros dos dias de hoje são realmente pequeninos, são chamados de passarinhos... Mas você pode admirar as samambaias que conheceram o Triceratops e o Stigoceras, as libélulas que povoavam os pontos de água como o fazem ainda hoje – velhos odonatos de cascas reluzentes, energia sem falha –, você pode contemplar as rochas ruivas do Turoniano, abertas rentes à pele da terra, simples leitura do passado do qual lhe entregamos um fragmento, você pode remexer o tempo, virar para trás ou para frente, se chocar com os monstros, com os gigantes e com os anões, todos inventivos e cheios de recursos: o único obstáculo que você encontraria não seria nem o medo nem o cansaço, mas o insondável poço de ignorância no qual, pelas razões obscuras da história da humanidade, você foi mantido um tempo. Aqui, de repente, na luz de uma encenação ajustada a cada um dos assuntos em pauta, a história condensada do planeta se desvenda. Pode ser que, ao final de tal viagem – a imersão no Jardim e no Museu –, você esteja desarmado, exausto pelas etapas de uma evolução complexa, estranha e poética, do jardim onde vivemos; aborrecido por ter sido mantido tão longe de tudo aquilo que condiciona nossa existência, feliz de ter acesso a uma leitura do mundo onde lhe parece possível vestir o papel de um ser vivo, sem obrigação de destruir as condições de tudo aquilo que, precisamente, autoriza o vivente.

Ali está o alfabeto pelo qual qualquer um deveria começar seu aprendizado, para construir um pensamento flexível, adaptado às condições mutantes do meio ambiente, para elaborar as frases de um discurso sem ênfase e sem certeza assim como sem limite, para explorar o poder inventivo da vida, para aceitar a ideia de uma permanente transformação dos seres e dos meios que os acolhem.

Sempre que eu posso, eu volto ao *Jardin des Plantes*. Não para absorver o saber mas para experimentar ainda mais o sentimento de pertencimento a um mundo cuja complexidade nos escapa ao ponto de nos oferecer, de modo permanente, um lote de perguntas. Jogo mágico de regras impossíveis mudando sem parar, onde o humano, esse jardineiro desajeitado, deve abandonar a ilusão de uma maestria para se aventurar, qual equilibrista no terreno da troca, aquele de um diálogo mudo sem obrigação de resultado, com a única embriaguez da cumplicidade de ser.

Imersão, acordos de vida entre as plantas e o resto dos seres vivos, não tenho certeza de ter saído da fossa dos ursos. Nem que eu vá sair dela algum dia.

**GILLES CLÉMENT** (Argenton-sur-Creuse, 1943) Jardineiro francês, paisagista, botânico e ensaísta, é professor da Escola de Paisagismo de Versalhes desde 1980 e é arquiteto de vários parques e espaços públicos, como os jardins *Le Domaine du Rayol* (Var), o parque *Matisse* (Lille), os jardins do *Musée du Quai Branly* (Paris) e o parque *André Citroën* (Paris).

Escreveu vários livros relacionados com paisagismo, além de romances, ensaios e outras publicações em colaboração com artistas, e publicou o tratado fundamental sobre o paisagismo contemporâneo *The Garden in Motion* (2012) e *Terceiro Manifesto da Paisagem* (2018), ambos publicados pela editora Gustavo Gili.

## AGRADECIMENTOS

Gilles Clément  
Instituto Clima e Sociedade  
Conservação Internacional Brasil  
Vincent Zonca  
Escritório do Livro da Embaixada da França no Brasil

Em abril de 2021, lançamos uma conversa sobre jardim entre Gilles Clément e Emanuele Coccia que está disponível em <https://youtu.be/cCoS84d5q74>. Após a conversa desejamos continuar o passeio por jardins e pedimos a Gilles um texto para publicação.

A edição deste caderno contou com a especial colaboração de Bia Pinheiro, que fez a tradução do francês.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em <http://selvagemciclo.com.br/>

Muito obrigada ;)

Sou **BIA PINHEIRO**, tenho 57 anos e atuo no campo da saúde e da criação. Trabalho como massoterapeuta desde meus 20 anos, e como psicanalista há 20 anos. Me interesse pelos modelos de pensamento que exploram os conceitos de inteligência da vida, capacidade de transformação, magia da troca, arte da convivência, conflito e regeneração. Acredito no poder da massa crítica e no impensado. Dançar é uma de minhas maiores fontes de inspiração. Gostaria de aprender e ajudar na expansão e na sustentação da nave Selvagem.